

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**KATHYLEEN TAWANY SILVA FRANÇA**

**O conceito winnicottiano de “Preocupação Materna Primária” e a importância do ambiente no início da vida**

**Uberlândia  
2022**

**Kathyleen Tawany Silva França**

**O conceito winnicottiano de “Preocupação Materna Primária” e a importância do ambiente no início da vida**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria José Ribeiro

**Uberlândia  
2022**

**Kathyleen Tawany Silva França**

**O conceito winnicottiano de “Preocupação Materna Primária” e a importância do ambiente no início da vida**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Ribeiro

**Banca Examinadora**

**Uberlândia, 21 de março de 2022.**

---

Profa. Dra. Maria José Ribeiro (Orientadora)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

---

Profa. Dra. Juçara Clemens (Examinador)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

---

Profa. Miriam Custodio Borges Ferreira (Examinador)  
Centro Universitário do Triângulo/UNITRI – Uberlândia-MG

Uberlândia  
2022

*Dedico este trabalho a minha mãe, que sem medir esforços dedicou-se a mim, e mais que me encorajar a saltar, foi meu chão quando eu temia voar.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre me apresenta às maiores e melhores realizações de sonhos. Que nos tempos de aflição, sempre me surpreende com motivos de esperança.

Agradeço a minha mãe Engly, que foi a maior inspiração para a concretização deste trabalho, por sempre se dedicar, apesar dos desafios, às necessidades de suas filhas.

A toda a minha família, em especial as mulheres, minha avó Cida e tias, Luana e Fernanda, que em momentos diferentes foram minhas mães, amortecendo os impactos do ambiente ao meu redor, me incentivando a continuar o árduo processo da graduação.

Agradeço a todos os amigos, pelo encorajamento, companheirismo e paciência nestes últimos anos. E, principalmente às amigas que a universidade me presenteou, Ana Júlia e Jessica, que nos tempos de distanciamento e isolamento foram verdadeiros oásis para mim.

Agradeço ao encontro que tive com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juçara Clemens, que me impulsionou a olhar afetivamente para a teoria winnicottiana, além de sempre confiar e acreditar no potencial que eu mesma desconhecia ter. O afeto e o cuidado foram fundamentais para que eu conseguisse seguir até aqui, obrigada!

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria José Ribeiro, que nos primeiros anos do curso admirei de longe, e no final, tive a honra de estar sob sua orientação e apoio. Sua paciência, compreensão e disponibilidade em compartilhar experiências foram essenciais para a conclusão deste estudo.

Agradeço aos profissionais de saúde que se dispõem a fortalecer e empoderar as famílias sobre o materno, o entusiasmo em fazer ações com esse grupo especificamente renovam minhas perspectivas para o futuro.

## RESUMO

O presente estudo teve como propósito apresentar a concepção de Preocupação Materna Primária, postulada por D. W. Winnicott, e sistematizar as contribuições do autor no que concerne à constituição das bases de um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento emocional do bebê, enfatizando o papel da mãe no início da vida, a partir da realização de uma pesquisa bibliográfica na obra do autor sobre o conceito de Preocupação Materna Primária. Winnicott dedicou seu trabalho ao reconhecimento da importância da mãe para o desenvolvimento emocional do bebê e de todo o apoio que ela precisa para a realização de suas funções de cuidados que fornecem as condições fundamentais para o desenvolvimento deste. De acordo com o autor, é a mãe a pessoa mais qualificada para cuidar do bebê, pois sua capacidade materna não é oriunda de um saber formal, aprendido intelectualmente, mas provém de uma sensibilidade adquirida naturalmente, tanto por ter sido cuidada quando bebê quanto pela vivência da gravidez. A partir do estudo, compreendeu-se que o início da vida e as experiências que o circunscrevem são o alicerce da saúde mental do sujeito, e a mãe – enquanto cuidadora e *especialista* nos cuidados necessários para o desenvolvimento humano – é quem provê a condição essencial para a saúde e constituição psíquica do mesmo.

**Palavras-chave:** Preocupação materna primária. Ambiente suficientemente bom. Amadurecimento emocional. Winnicott. Psicanálise.

## ABSTRACT

The purpose of this study was to present the concept of Primary Maternal Concern, postulated by DW Winnicott, and to systematize the author's contributions regarding the constitution of the foundations of a good enough environment for the emotional development of the baby, emphasizing the mother's role in the beginning of life, from the accomplishment of a bibliographical research in the author's work on the concept of Primary Maternal Concern. Winnicott dedicated his work to the recognition of the mother's importance for the baby's emotional development and of all the support she needs to carry out her care functions that provide the fundamental conditions for the baby's development. According to the author, the mother is the most qualified person to take care of the baby, because her maternal capacity does not come from formal knowledge, learned intellectually, but comes from a naturally acquired sensitivity, both for having been cared for as a baby and for the pregnancy experience. From the study, it was understood that the beginning of life and the experiences that circumscribe it are the foundation of the subject's mental health, and the mother - as a caregiver and specialist in the care necessary for human development - is the one who provides the essential condition for the health and psychic constitution of the same.

**Keywords:** Primary Maternal Preoccupation. Good enough environment. Emotional Maturation. Winnicott. Psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como interesse estudar a teoria winnicottiana evidenciando a importância do ambiente no início da vida, especificando e desenvolvendo teoricamente o conceito de “Preocupação Materna Primária”, cunhado e apresentado pelo pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott. O interesse em estudar a teoria psicanalítica emerge durante meus estudos sobre a possível origem dos problemas de imagem corporal, em especial a anorexia e a bulimia, que apontavam para o descompasso na relação mãe-bebê, como o agente responsável pelo desejo do sumiço dessa relação ao emagrecer, e do seu fortalecimento ao comer compulsivamente (Miranda, 2007).

Incentivada a conhecer mais sobre a relação mãe-bebê, busco os escritos de Donald Woods Winnicott (1896-1971). Com o fervilhar de perguntas e questionamentos sobre a veracidade dos fatos relatados em *Os bebês e suas mães* (1999a), acabo me inscrevendo para participar do Disque Amamentação, um Projeto de Extensão no Banco de Leite Humano (BLH) do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, que propunha aos extensionistas serem fomentadores do incentivo, promoção e proteção do aleitamento materno através das atividades que ali eram desenvolvidas. Apesar de iniciante nos estudos do autor, foi na prática do projeto, nas salas do BLH, na sala de espera e de orientação, observando a interação mãe-bebê, que comecei a identificar e reconhecer aspectos descritos na teoria winnicottiana numa realidade concreta.

Além disso, em um evento promovido pelo Banco de Leite Humano sobre amamentação, tive a oportunidade de ouvir a Professora Doutora Juçara Clemens, que discorria sobre sua atuação junto à equipe do Banco, relatando seu trabalho de proporcionar às mulheres um espaço de acolhimento e escuta sensível sobre seus sofrimentos e dificuldades

do momento pós-parto. Logo após, comecei a participar das atividades práticas e das discussões teóricas do grupo de extensão e, aliando o aporte teórico que encontrei ali, tive minha perspectiva ampliada sobre a complexidade do ser mãe, sobre as consequências, necessidades e potencialidades da díade mãe-bebê.

Lembro-me de um episódio que aconteceu enquanto observava os acompanhantes na sala de espera do BLH. Um pai relatava que outrora sentia-se impossibilitado de amar tanto uma pessoa, de sentir tanto amor como sentiu no primeiro momento em que segurou sua filha. O olhar atento e a extrema atenção dele para com o choro da filha fizeram-me questionar sobre o conceito winnicottiano de *Preocupação Materna Primária*, até então, entendido por mim como um fenômeno exclusivo à maternidade feminina. Pensando em tal controvérsia que a realidade me apresentava, indago-me: quais seriam então as especificidades do estado de Preocupação Materna Primária?

Observar o efeito dos mitos que envolvem a maternidade causando nas mulheres o sofrimento do não reconhecimento da sensibilidade e vulnerabilidade que caracterizam o puerpério, me faz refletir sobre a importância de todas as mudanças que as rodeiam e sobre a intensidade com que vivem esse momento da vida, o de dar a si – por completo – e devotar-se, momentaneamente, para que um outro possa “vir a ser”.

Winnicott (2000) descreve a importância de uma mãe-ambiente que exerça com dedicação suas funções de cuidados físicos e psicológicos, fornecendo condições fundamentais para o desenvolvimento do psiquismo do bebê e favorecendo seu desenvolvimento físico e emocional. É a mãe, de acordo com o autor, a pessoa mais qualificada para cuidar do bebê, pois sua capacidade materna não é oriunda de um saber formal, aprendido intelectualmente, mas provém de uma sensibilidade adquirida naturalmente tanto por ter sido cuidada quando bebê quanto pela vivência da gravidez; dessa forma, a mãe



tem maiores probabilidades de entregar-se do modo mais deliberado aos cuidados de seu filho (Winnicott, 2001).

Foi justamente por explicitar a importância do cuidado materno que a teoria de Winnicott sofreu duras críticas por parte dos movimentos feministas, no início do século XX, que trouxeram ao cerne da sociedade discussões e questionamentos sobre o jugo a que as mulheres eram submetidas. Winnicott se apresenta como um dos autores mais identificados com a mãe, ao evitar prescrições e julgamentos sobre sua conduta. Inclusive, a leitura de sua obra precisa ser compreendida nos conceitos por ele preconizados e que nos ajudam a compreender as necessidades do ser humano, de crescimento a partir da sua condição de dependência, que é absoluta no início da vida.

Winnicott dedicou seu trabalho ao reconhecimento da importância da mãe para o desenvolvimento emocional do bebê e de todo o apoio que ela precisa para a realização de sua tarefa. Ao pai, aos familiares, equipe médica e sociedade, caberia em primeiro momento, suprir as necessidades da mãe favorecendo um ambiente sem preocupações externas, sustentando e assegurando a mulher que materna, facilitando a sintonia dela com as necessidades de seu bebê (Winnicott, 1965/1982). O autor postula que muitas psicopatologias da vida adulta estariam relacionadas com os aspectos vivenciados ainda na primeira infância; dessa forma, atuou descrevendo a mãe que fazia bem a seu bebê e o uso desse relacionamento (mãe-bebê) como modelo de tratamento psicanalítico.

Compreende-se que ao escrever sobre “a mãe suficientemente boa”, Winnicott pretendia não ensinar as mães como virem a ser, mas descrever o que observara durante seus anos de prática na pediatria e, posteriormente, na clínica psicanalítica, de modo a enriquecer o conhecimento sobre a temática e subsidiar os profissionais da área. É, ao evidenciar a importância da relação mãe-bebê e sua relevância nos primeiros momentos de vida para o

amadurecimento emocional, que Winnicott colabora para a compreensão de que os sujeitos são concebidos a partir de um outro, em primeira instância, a mãe (ambiente inicial) (Winnicott, 1986/1999b).

Dessa forma, entende-se que o bebê não nasce pronto, nem que o ambiente determina o sentido de seu crescimento, mas sim, que diante da tendência inata à integração, cabe ao ambiente (entendido aqui como a mãe e familiares de modo geral) facilitar o seu desenvolvimento por meio de uma provisão ambiental que seja suficientemente boa durante os primórdios da vida do indivíduo.

Tendo em vista esses pressupostos, o trabalho tem como propósito apresentar a concepção de Preocupação Materna Primária, postulada por Winnicott, e sistematizar as contribuições do autor no que concerne à constituição das bases de um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento emocional do bebê, enfatizando o papel da mãe no início da vida.

O presente estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, que se caracteriza pela preocupação com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados. Centrando-se, de acordo com Minayo (2009) na compreensão da complexidade dos fenômenos, fatos e processos específicos. Em especial, busca o aprofundamento da compreensão sobre o conceito de Preocupação Materna Primária por meio de um levantamento teórico, visando o desenvolvimento e aperfeiçoamento do pesquisador, além de contribuir para o debate de todos os interessados no campo da saúde psíquica, no que se refere a importância das primeiras experiências de vida.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em obras analisadas, publicadas e selecionadas do autor do conceito, o pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, entendido aqui como fonte primária por conter informações que apresentam de forma original

as ideias já partilhadas por ele (Albrecht & Ohira, 2000). Levando em consideração a temática de interesse para o presente estudo elencou-se, dentre os escritos do autor, cinco obras para investigação e aprofundamento teórico, priorizando os estudos dentre elas em que Winnicott discorria sobre o tema de interesse e que pudessem contribuir para sua elucidação, no presente estudo, Preocupação Materna Primária, e os elementos teóricos que o circunscrevem. São elas: *A família e o desenvolvimento individual* (2001), *Os bebês e suas mães* (1999a), *Natureza Humana* (1990), *Tudo começa em casa* (1999b) e *Da pediatria à psicanálise* (2000).

Localizadas as obras que contribuíram para o estudo, realizou-se uma compilação do material consultado e a criação de fichamentos que transcreveram os principais dados e informações do material selecionado.

Feito isso, identificou-se os elementos essenciais da pesquisa, realizando sua classificação, generalização, análise crítica e interpretação que culminaram na redação do presente artigo, esperando que ele contribua para o desenvolvimento teórico do pesquisador e ressalte a relevância da temática para a prática psicológica, sem comprometer sua qualidade, como adverte Fonseca (2002).

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Anos iniciais da vida: alicerce da saúde mental do sujeito**

Como apresentado anteriormente, a teoria psicanalítica de Winnicott baseia-se na concepção de que todo ser humano possui uma tendência inata ao amadurecimento

emocional, ou seja, o bebê enquanto indivíduo humano, é dotado de um potencial vital próprio que o impulsiona ao processo de desenvolvimento rumo à integração numa unidade psique-soma em busca de sua existência, sua vida, numa continuidade de ser. Dessa forma, o autor adverte sobre a necessidade de considerar a existência de “um estado de não-integração a partir do qual a integração se produz” (Winnicott, 1990/1988, p. 136), assim, a possibilidade de ser, e a continuidade de ser ocorre a partir do não existir, no intervalo entre a não existência e a existência.

Ao postular a tendência inata ao amadurecimento, Winnicott (1990/1988) diz sobre a facilidade em se considerar a integração como algo já garantido, chamando a atenção para a necessidade de compreendê-la, no entanto, como algo a ser alcançado. O potencial inato à integração, a personalização e a realização, enquanto processos do desenvolvimento emocional primitivo, só se concretizam na presença de um ambiente facilitador e constante, constituído pela ajuda das experiências de cuidados e pelas agudas experiências instintivas “que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro” (Winnicott, 1958/2000, p. 224).

Segundo Winnicott (1990/1988), a concepção da origem do si-mesmo está intrinsecamente relacionada com a experiência primária do encontro entre mãe e bebê, que, pela constância de cuidados, proporciona ao recém-nascido a possibilidade da continuidade de ser enquanto experiência pessoal. O autor escreve:

Para que a ilusão se dê na mente do bebê, um ser humano precisa dar-se ao trabalho permanente de trazer o mundo para ele num formato compreensível e de um modo limitado, adequado às suas necessidades. Por esta razão não é possível a um bebê existir sozinho física ou psicologicamente, e de fato é preciso que uma pessoa específica cuide dele no início (Winnicott, 1958/2000, p. 229).

Entende-se que, para que o bebê inaugure sua própria constituição, se faz necessária a presença de um outro que acolha suas necessidades físicas e emocionais primitivas:

(...) a partir de uma interação primária do indivíduo com o ambiente, surge um emergente, o indivíduo que procura fazer valer os seus direitos, tornando-se capaz de existir num mundo não desejado; ocorre então o fortalecimento do self como uma entidade, uma continuidade do ser onde, e de onde, o self pode (emergir) como uma unidade, como algo ligado ao corpo e dependente de cuidados físicos (...) (Winnicott, 1990/1988, p. 26).

Para o autor, pelo fato de ter a capacidade de se adaptar às necessidades do bebê sem ressentimento, é a mãe que sustenta uma rotina de cuidados fundamental para o desenvolvimento do bebê. Ela se torna a principal responsável por oferecer um ambiente que facilite “os processos evolutivos e as interações naturais do bebê com o meio”, favorecendo que ele se desenvolva de acordo com o padrão hereditário do indivíduo (Winnicott, 1999a, p. 21). Isso só é possível porque, neste início da vida do bebê, a mãe dispõe de uma adaptação extremamente delicada às necessidades emocionais dele, e, apesar das necessidades do bebê poderem ser supridas por outra pessoa que se disponha a cuidar dele (e, caso a mãe não possa, é fundamental que alguém o faça), é normalmente a própria mãe quem melhor se adapta ao seu filho, preservando todos os “pequenos detalhes de sua técnica pessoal, fornecendo ao bebê um ambiente emocional simplificado”, que inclui os cuidados físicos e psicológicos, um *ambiente suficientemente bom* (Winnicott, 1990/1988).

Assim, entende-se que o ambiente facilitador depende inicialmente da capacidade de identificação do cuidador com o bebê, uma vez que é através dessa identificação que o ambiente provê as condições necessárias para o desenvolvimento emocional do indivíduo. No entanto, Winnicott adverte sobre a possibilidade de falhas nestes cuidados que, quando

maiores do que a capacidade do bebê de abarcá-las, podem traumatizá-lo, trazendo prejuízos para o seu amadurecimento pessoal (Winnicott, 1962/1983).

Sabe-se que falhas ambientais são normais de acontecer, como menciona Winnicott (1999), desde que não sejam repetidas tantas vezes que se crie um *padrão de falhas*. Sendo assim, os cuidadores não precisam buscar pela perfeição dos cuidados, mas sim proporcionar cuidados suficientemente bons, que sustentem e facilitem a tendência inata ao amadurecimento do bebê.

Winnicott (2000) afirma que o cuidado suficientemente bom, no estágio mais inicial da vida, será o principal responsável por possibilitar que o bebê comece a existir, tenha experiências, constitua um ego pessoal, integre seus instintos e enfrente as questões inerentes à vida, e a mãe funcionará como uma intérprete entre o ambiente e as necessidades do bebê neste início, tornando-se o primeiro ambiente facilitador do bebê (Winnicott, 1999).

São essas condições ambientais suficientemente boas que permitem ao bebê experienciar os estados relaxados e tranquilos e seguir rumo ao amadurecimento emocional saudável, passando pelo estabelecimento da relação com a realidade externa, integração da personalidade como unidade e assentamento da psique no corpo; evoluindo da dependência absoluta à independência relativa em um processo dinâmico que leva à possibilidade de uma existência saudável (Winnicott, 1990/1988 & Winnicott, 1958/2000).

Logo, compreende-se que o início da vida e as experiências que o circunscrevem são o alicerce da saúde mental do sujeito, e a mãe – enquanto cuidadora e *especialista* nos cuidados necessários para o desenvolvimento humano – é quem provê a condição essencial para a saúde e constituição psíquica (Winnicott, 1958/2000), pois “as coisas muito pequenas que, no início, se passam entre a mãe e o bebê são muito significativas, não o sendo menos por parecerem tão naturais, sólidas e inquestionáveis” (Winnicott, 1999, p. 24).

**Preocupação materna primária: base para a constituição de um ambiente suficientemente bom**

Winnicott, ao escrever suas obras ou apresentar-se ao público nas rádios ou palestras, nunca teve o objetivo de dizer às mães o que elas deveriam fazer, ou como deveriam cuidar de seus bebês. Pelo contrário, suas falas às mães eram sobre aquilo que elas faziam bem, e aos profissionais e pessoas que cercavam as mulheres, alertava-os sobre os perigos das intervenções desnecessárias e a importância destes como disseminadores de informações confiáveis e protetores do seu materno:

A jovem mãe precisa de informação e proteção; precisa do melhor que a ciência médica pode oferecer em termos de cuidados corporais e prevenção de acidentes evitáveis. Ela precisa de um médico e de uma enfermeira que conheça e em quem deposite confiança. Precisa da devoção de um marido, e de experiências sexuais satisfatórias (Winnicott, 1986/1999b, p. 121).

Para o autor, as mães dispõem de um modo próprio e natural para cuidar e se dedicar aos seus bebês que não seria possível de aprendizado (seria possível aprender) por meio de nenhum livro. Winnicott (1956/2000) explica que é como se as mães fossem biologicamente condicionadas às tarefas de lidar, de modo todo especial, com as necessidades do seu bebê. Os profissionais que os acompanham, médicos e enfermeiras, poderiam entender muito sobre o desenvolvimento cognitivo e biológico do bebê, mas jamais saberiam o que ele sente a cada minuto, pois essa experiência não faz parte da sua área. Apenas ela, a mãe, saberia como o seu bebê poderia estar se sentindo, ninguém mais (Winnicott, 1965/2001).

A essa específica capacidade de identificação da mulher-mãe com seu bebê, suas habilidades de agir naturalmente e sentir as necessidades dele, Winnicott denomina

*preocupação materna primária*. Esse sendo entendido como um estado de exacerbada sensibilidade da mulher que tem início no final da gravidez, durando até algumas semanas após o nascimento do bebê, no qual a mãe desenvolve um alto grau de identificação, de envolvimento nos cuidados do seu bebê e de dedicação (momentânea) que não seja em seu próprio self (Winnicott, 1956/2000; Winnicott, 1988/1990).

Pensemos que da mesma forma que na gestação acontecem um conjunto de mudanças predominantemente fisiológicas, de modo a proporcionar a formação e o desenvolvimento do bebê ainda no útero da mulher, acontecem também as mudanças psicológicas que a sensibilizarão para as adaptações necessárias no início da vida do bebê, como a identificação com ele que a farão sentir o que o bebê sente (Winnicott, 1999a).

Sugiro, como vocês sabem, e suponho que todos concordem, que comumente a mãe entra numa fase, uma fase da qual ela comumente se recupera nas semanas e meses que se seguem ao nascimento do bebê, e na qual, em grande parte, ela é o bebê, e o bebê é ela (Winnicott, 1999a, p. 4).

Entretanto, ao afirmar que “comumente” as mães acabam se identificando com seus bebês, atingindo a preocupação materna primária, o autor evidencia que este estado de *sensibilidade exacerbada* não é universal, ou seja, nem todas as mulheres passam por ele.

Para Winnicott, a preocupação materna primária, enquanto *condição organizada*, poderia ser comparada, entre outros, a um estado dissociativo ou a um distúrbio mais profundo, como um episódio esquizóide, no entanto, apesar do comparativo, o autor atribui tal condição como um indicativo de saúde. Apenas a mãe saudável conseguiria desenvolver a capacidade de dedicar-se unicamente às necessidades do seu bebê e depois recuperar-se, dedicando-se novamente ao seu próprio self. Contudo, nos casos em que não há a superação desse alto grau de identificação e a mãe não consegue retomar suas atividades pessoais



normalmente após esse período, essa identificação pode indicar/denotar sintomas de uma doença (Winnicott, 1956/2000; Winnicott, 1965/2001).

O desenvolvimento do estado de preocupação materna primária está intrinsecamente relacionado com fatores ambientais, sejam eles internos à própria mulher, como suas experiências iniciais de vida, ou externos a ela, como a ausência de uma rede de apoio, formada por cônjuges, familiares e/ou todos aqueles que convivam com a díade mãe-bebê, de modo que favoreça o seu maternar (Winnicott, 1983).

A mãe que desenvolve o estado de preocupação materna primária é capaz de abrir mão temporariamente de outros interesses para se dedicar às necessidades físicas e psíquicas do bebê nesse primeiro momento de sua vida. Ao fazer isso, ela fornece o aporte para “os fundamentos da capacidade que o bebê tem de sentir-se real” (Winnicott, 1999a), de constituir-se psiquicamente, seguindo sua tendência inata ao desenvolvimento.

Cabe salientar que hoje existem novas configurações familiares demandando muitas vezes que uma outra pessoa, por algum motivo, exerça a função do cuidado materno, atribuído inicialmente à mulher-mãe. De todo modo, em qualquer tempo histórico, o bebê humano depende de uma refinada identificação com suas necessidades e o atendimento das mesmas, para que possa se desenvolver em direção ao EU SOU.

Respondendo a minha inquietação inicial sobre a reação de um pai diante do choro de sua filha, mencionado anteriormente, Winnicott assinala que, na ausência da mãe, o melhor cuidador se torna, na medida em que se identifique com o bebê, aquele que mais se disponibiliza a atender suas necessidades, podendo desenvolver uma sensibilidade ampliada que pode ser comparada a “preocupação materna primária”, culminando na devoção inicial e necessária para o desenvolvimento emocional do bebê (Winnicott, 1956/2000).

## **Funções maternas: contribuições da mãe para o desenvolvimento emocional**

É a partir da preocupação materna primária que se tem a possibilidade de provisão de um meio ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento emocional. Essa adaptação, intensa inicialmente, sofrerá modificações à medida que as necessidades do bebê se tornarem outras, dessa forma as funções maternas variam de acordo com as tarefas necessárias para cada etapa do desenvolvimento emocional.

Na *integração*, por exemplo, a função que a mãe tem corresponde à responsabilidade de *segurar* o bebê, contribuindo para a acomodação das experiências da criança dentro dela mesma, favorecendo que o bebê emergja de sua solidão existencial, desmantelando a ideia que ele mantém, neste início da vida, de que tudo ao seu redor nada mais é que uma extensão de si. Logo, é por meio da integração que o bebê realiza a construção do seu próprio EU. No entanto, para que a integração seja possível, o ambiente deve ser suficientemente bom, sem antecipar ou atrasar o processo individual do bebê, respeitando o seu tempo, o seu ritmo (Winnicott, 1986/2005).

Para Winnicott, a identificação e dedicação da mãe ao bebê facilitam a organização do ego infantil, permitindo que ele integre suas sensações corporais, os estímulos ambientais e suas capacidades motoras nascentes, mantendo sua ilusão de onipotência e apresentando-lhe pouco a pouco a realidade externa (Winnicott, 1999a).

(...) na experiência comum de segurar adequadamente o bebê, a mãe foi capaz de atuar como um ego auxiliar, de tal forma que o bebê teve um ego desde o primeiro instante, um ego muito frágil e pessoal, mas impulsionado pela adaptação sensível da mãe, e pela capacidade desta em identificar-se com seu bebê no que diz respeito às suas necessidades básicas (Winnicott, 1999a, p. 31 e 32).

A expressão “segurar adequadamente” o bebê corresponderia, na citação acima, ao *holding*, verbo segurar em inglês que faz alusão ao conjunto de cuidados maternos com que o cuidador do bebê o protege criando uma rotina de cuidados, considerando sua sensibilidade cutânea e a falta de conhecimento que o bebê tem sobre si mesmo nesse estágio tão precoce da vida (Winnicott, 1965/2001).

Pode-se compreender que é por meio do *holding* que a mãe, em um ato mais amplo, sustenta orgânica e psiquicamente seu bebê, promovendo sensações de estabilidade e segurança, essenciais ao desenvolvimento humano. Quando o *holding* é executado de modo satisfatório, ou seja, quando o bebê é segurado de modo adequado, infere-se que ele seguirá rumo a um amadurecimento sem grandes dificuldades, e que a constituição da sua personalidade estará bem fundamentada.

No entanto, quando executado de modo insatisfatório, produz uma sensação extrema de aflição no bebê, sendo, de acordo com Winnicott (1986/2005), fonte da sensação de que a realidade exterior não pode ser reconforto para a realidade interior; sensação de despedaçamento e queda sem fim, além de outras ansiedades classificadas como psicóticas.

A *personalização*, importante tarefa para o amadurecimento emocional, está intrinsecamente relacionada com o sentimento de estar dentro do próprio corpo, correspondendo à integração da psique-soma, que constitui o sujeito, levando-o a alcançar, em um desenvolvimento normal, um esquema corporal. Esta pode ser promovida através do *handling*, descrito por Winnicott (1965/2001) como a manipulação corporal que auxilia na formação da parceria psique-soma, que ajudará o bebê a iniciar o processo de identificação do próprio corpo.

Nesta etapa, o principal papel da mãe é que, ao manipular o bebê, isso aconteça de modo que seja uma experiência passível de ser elaborada pelo psiquismo do bebê de acordo

com o seu incipiente amadurecimento. Da mesma forma que é importante que o ambiente forneça experiências ao bebê de acordo com suas capacidades de integração, faz-se necessário que o cuidador do bebê as favoreça por meio do *handling*.

O fortalecimento da relação psique-soma acontece quando as necessidades do bebê são atendidas de forma apropriada, porém, quando ocorrem falhas por parte do ambiente em corresponder a essas necessidades, o bebê pode ter dificuldades na integração das suas experiências corporais (Winnicott, 1965/2001).

Mesmo tendo boas condições de saúde, escreve Winnicott (1965/2001), nem sempre as crianças estarão enraizadas em seu corpo, sendo normal a psique perder o contato com o soma, causando alguns sintomas clínicos como palidez, diminuição de temperatura, vômitos e suor. Um exemplo da desconexão da psique com o soma seria o acordar de um sono profundo, que requer das mães de bebês, um cuidado concreto ao acordar uma criança, sempre de forma cuidadosa de modo que a mudança de posição corporal não lhe cause pânico.

A *realização* ou *apresentação de objetos*, por sua vez, corresponde ao início da capacidade do bebê de relacionar-se com objetos, além de entrar em contato com a realidade externa que o cerca. É uma aquisição desenvolvida gradualmente, que apenas vem à existência quando as condições são suficientemente boas. Diante de falhas nesse cuidado, há o bloqueio ainda maior do desenvolvimento da capacidade da criança de sentir-se real em sua relação com o mundo dos objetos (Winnicott, 1965/2001).

A mãe devotada comum, no estado de preocupação materna primária, dispõe da sensibilidade de apresentar os objetos de acordo com as necessidades específicas do seu bebê em cada momento:

A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta o mundo de forma que o bebê comece com um suprimento da experiência de onipotência, que

constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio da realidade (Winnicott, 1986/2005, p. 13).

Assim, na *realização* o papel da mãe é a apresentação da realidade e dos objetos ao bebê, paulatinamente, de um modo que lhe seja compreensível, colaborando para a percepção do bebê de estar ocupando um espaço e um tempo mantidos em andamento pela mãe, sem que seu ego ainda frágil seja atingido (Winnicott, 1999a).

Os sutis gestos realizados pela mãe ao longo do tempo vão fazendo com que o bebê se sinta real e continue seu processo de maturação. A “mãe dedicada comum” surge como facilitadora dos estágios iniciais dos processos de desenvolvimento emocional do seu bebê, que se seguirão ao longo de toda a vida.

Conforme o bebê vai se desenvolvendo e crescendo é possível e desejável que a mãe passe a ser “mal sucedida” nas suas tarefas de adaptação exata às necessidades do seu bebê. A adaptação exata se faz necessária no início da vida, pois o bebê está em estado de dependência absoluta, necessitando de uma mãe-ambiente para desenvolver-se de modo saudável. Com a maturação biológica e o desenvolvimento dos processos cognitivos como a mente, espera-se que a criança se torne apta a aceitar e considerar as falhas ambientais sem que elas lhe causem prejuízos.

De acordo com Winnicott (1965/2001), a mente infantil, quando desenvolvida, passa a auxiliar a mãe em suas tarefas, diminuindo a intensidade de suas funções, mas isso varia de criança para criança e do desenvolvimento de cada uma delas, sendo necessária a adaptação das mães às especificidades da capacidade mental de seus filhos, avançando de acordo com a singularidade de cada um deles.

O desenvolvimento emocional acontece desde o início da vida do bebê, permeado por mudanças significativas que são determinantes para tal. No princípio, a dependência do bebê

é absoluta e totalmente desconhecida, mas pouco a pouco ela se torna conhecida, o que faz com que o bebê consiga demonstrar o que é necessário para que ele caminhe rumo à independência, mas essa passagem só é possível de acontecer quando se manifesta em outra pessoa uma adaptação muito sensível às necessidades do bebê em crescimento (Winnicott, 1965/2001).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Centrando-se no aprofundamento da compreensão do conceito de Preocupação Materna Primária, a partir da revisão bibliográfica de seu teórico responsável Donald Woods Winnicott, o presente estudo evidencia os elementos que circunscrevem a maternagem suficientemente boa, fazendo com que indaguemos sobre as responsabilidades da rede de apoio para a promoção e facilitação da saúde psíquica da mãe enquanto ambiente saudável que servirá de base para o desenvolvimento emocional dos futuros indivíduos da sociedade.

Ao escrever sobre o que via em suas consultas com os bebês, Winnicott relata que as mães, agindo naturalmente, no estado de Preocupação Materna Primária, possibilitam a espontaneidade do bebê e a constituição de um si-mesmo verdadeiro.

Assim, uma mãe devotada ao seu bebê é essencial para que o desenvolvimento dele aconteça do melhor modo. Para que a mãe exerça o seu papel, é preciso haver agentes que a fortifiquem, que favoreçam a confiança no seu conhecimento natural do bebê, conhecimento esse advindo das suas próprias experiências como alguém que também já foi cuidada. Para Winnicott, o fato de a mãe ter sido cuidada quando bebê permite a identificação com o próprio filho, favorecendo condições de suporte e manejo ao pequeno ego em desenvolvimento.

Reiteramos que a dedicação da mãe comum está intrinsecamente relacionada com o fato dessa mulher se sentir amada, aceita e apoiada efetivamente pelos círculos sociais que perpassam suas famílias e organizam a sociedade. Assim, cabe aos familiares, equipe médica e à coletividade propiciar um ambiente facilitador para a maternidade, que repercutirá na provisão física e afetiva para o bebê.

Às comunidades acadêmicas, como aquela de que atualmente faço parte, se faz necessário incentivo material e simbólico para a realização de pesquisas na área, de modo a disseminar o conhecimento que combaterá as falsas informações que tanto amedrontam o materno. Incentivar os estudantes e futuros profissionais a conhecer e apreender sobre o desenvolvimento emocional e seus percalços se torna um trabalho preventivo em saúde, considerando que, quanto maior o conhecimento sobre as influências que a relação mãe-bebê exerce na saúde integral de um indivíduo, melhores seriam as condições de saúde de todo o corpo social.

Isso posto, ações que valorizem a importância da maternidade, da relação mãe-bebê, promovendo espaços de escuta, acolhimento, proteção, trocas e apoio, se tornam primordiais para a prevenção do adoecimento e promoção de saúde mental.

Desse modo, muito mais que compreender o fenômeno da gestação e maternidade como não apenas biológicos, torna-se imprescindível tratá-lo como biopsicossocial, fazendo com que profissionais de diversas áreas integrem a equipe médica que acompanha a díade mãe-bebê, durante e após a gestação.

Os atendimentos grupais de gestantes e acolhimentos individuais, como os realizados nas ações do Banco de Leite, onde as mães têm a possibilidade de relatar seus sentimentos livremente, sem qualquer julgamento, parecem promissores para a atuação da equipe

multidisciplinar, que deve fortalecer a confiança da mãe em si mesma e em sua capacidade de perceber seu bebê.

A teoria do amadurecimento de Winnicott busca compreender o desenvolvimento humano a partir dos estágios mais primitivos da vida, momento no qual a base para a saúde mental se constitui através dos cuidados maternos. Acompanhar na prática a interação das mães com seus filhos, ouvir e observar suas dificuldades, que remontam muitas vezes suas próprias histórias de vida, foi de grande valia para a assimilação da teoria winnicottiana e da realidade palpável na qual tenho me preparado para atuar. O conhecimento teórico, oriundo dos livros, se torna insustentável sem vivências de observação e possibilidade de discussão. Da mesma forma que uma mãe não adquire em livros seus conhecimentos de cuidado, não nos preparamos para a prática psicológica na maternidade apenas estudando teorias sem a contemplação e discussão de práticas.

É imprescindível o fomento de pesquisas científicas e experiências práticas relacionadas ao materno, assim como políticas públicas que assegurem às mães condições dignas de vivenciar a maternidade, que inclui o estado de preocupação materna primária, de que aqui tratamos.



## REFERÊNCIAS

- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC. Apostila.
- Albrecht, R., & Ohira, M. (2005). Bases de dados: metodologia para seleção e coleta de documentos. *Revista ACB*, 5(5), 131-144. Recuperado de <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/347>
- Minayo, M. C. S. (Orgs.) (2009). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes
- Miranda, M. R. (2007). Em busca das palavras perdidas: corpo-carcereiro da mente nos distúrbios alimentares. *Ide*, 30(45), 28-34. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062007000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062007000200006&lng=pt&tlng=pt).
- Winnicott, D. W. (1962). Provisão para a criança na saúde e na crise. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 62-69). Porto Alegre: Artmed, 1983.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana* (D. L. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (1999a). *Os bebês e suas mães* (2a ed., J. L. Camargo, Trad., M. H. S. Patto, ver. técnica). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1999b). *Tudo começa em casa* (3a ed., P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986).
- Winnicott, D.W. (2000). Preocupação materna primária. In: D. W. Winnicott (Bogomoletz, D., Trad.), *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (D. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual* (2a ed., M. B. Ciolla, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em casa* (P. Sandler, Trad., 4a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986).

